

ENCONTRO

SEMANAL



Arquidiocese
de Goiânia

Muitos membros, um só corpo.

Semanário da Arquidiocese de Goiânia – XXIV Edição – 1º de novembro de 2014

“EU SOU A RESSURREIÇÃO E A VIDA” (Jo 11,25)



Tradição cristã milenar, o Dia de Finados é o momento de celebrar a esperança na vida eterna, sobretudo, a vitória do amor de Deus. Conforme explica o Catecismo da Igreja Católica, para além do entendimento humano, a morte ultrapassa a nossa imaginação e só se torna acessível aos que creem. Por isso, o Dia de Finados é dedicado à esperança, à fé e à caridade.

pág. 5

Foto: Jornal Hoje

PALAVRA DO ARCEBISPO



Dom Washington Cruz comenta que o respeito aos mortos é cultivado pelas mais diversas culturas e até mesmo pelas civilizações mais descrentes.

pág. 2

ARQUIDIÓCESE



Confira os eventos que aconteceram nas últimas semanas: Cenáculo Vocacional, Encontro de coroinhas e acólitos e o Retiro Anual dos diáconos permanentes.

pág. 3

FORMAÇÃO MARIANA



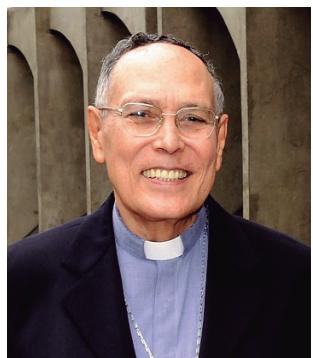
No Dia de Finados, Maria também é lembrada por ter experimentado a dor de ver o Filho pregado na cruz. Pelo sofrimento, no entanto, ela se tornou mãe da humanidade.

pág. 7

PALAVRA DO ARCEBISPO

EDITORIAL

“Ó MORTE, ONDE ESTÁ A TUA VITÓRIA? (1Cor 15,55)



DOM WASHINGTON CRUZ, CP
Arcebispo Metropolitano de Goiânia

Diante da morte, até nas civilizações mais descrentes, se vislumbra um fundo de religiosidade. Ao sepultar alguém, geralmente esqueciam-se as iras, zangas, vinganças e todo o malquerer. ‘Perdão aos mortos’ era um adágio respeitado em toda a parte.

Na velha Roma, olhavam-se os mortos com carinho e veneração. Os cristãos, como também seus conterrâneos, enterravam os mortos nos seus jardins e nos parques senatoriais. Os ricos patrícios, uma vez convertidos, davam sepultura, nas suas chácaras, aos irmãos crentes, fossem eles pobres ou de baixa condição social. Sobre os túmulos, oferecia-se o sacrifício eucarístico, como sufrágio. Para melhor recordá-los nas assembleias orantes, sepultavam-nos nas igrejas, junto das relíquias dos mártires venerando-os com muita reverência.

Esses gestos e costumes pretendiam incutir no coração de todos o dever de sufragarem as almas benditas do purgatório. Desde o século III, a memória dos defuntos tornou-se comum em todas as missas e os moribundos pediam para se lembrarem deles. Recordemos a morte de Santa Mônica ao dizer ao filho Santo Agostinho que a enterrasse em qualquer lugar; só lhe pedia que a recordasse na santa missa.

Os primeiros cristãos não temiam a morte e muito menos os mortos. O apóstolo São Paulo exhorta-nos: “Não queremos, irmãos, deixar-vos na ignorância a respeito dos mortos... Se acreditamos que Jesus morreu e ressuscitou, do mesmo

“
O pensar nas coisas que hão de vir é um dos mais eficazes estímulos para a constância no bem.
”

modo, Deus levará, com Jesus, os que tiverem morrido”. Afirma também: “Por isso não desanimamos”. E prossegue o seu pensamento dizendo que “embora o nosso corpo se vá arruinando, o espírito se reanima. Os sofrimentos deste mundo alcançar-nos-ão uma glória maravilhosa”. (Ts 4,13-18). E ainda: “Uma vez que ressuscitastes com Cristo, procurai as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita do Pai” (Cl 3,1).

São Pedro, em sua primeira carta, para animar os crentes molestados pelos inimigos da fé, asseverava-lhes que não se perturbassem, mas exultassem de contentamento: “Na medida em que participais dos sofrimentos de Cristo, alegrai-vos, para que na revelação de sua glória possais ter uma alegria transbordante. Bem-aventurados sois se sofreis injúrias pelo nome de Cristo, porque o Espírito de glória, o Espírito de Deus repousa em vós.” (1Pd 4,13-14). O pensar nas coisas que hão de vir é um dos mais eficazes estímulos para a constância no bem. Por isso, a lembrança da morte e dos fiéis defuntos nem sempre é acabrunhadora, pois a certeza de recebermos outra habitação no céu traz-nos o verdadeiro sentido da vida. “Aos que a certeza da morte entristece, a promessa da imortalidade consola” (Pref. Fiéis Defuntos I). “Ó morte, onde está a tua vitória? (1Cor 15,55).



Caro leitor

Viver a vida perigosamente, arriscar-se em perigosas aventuras, curtir ao máximo sem se preocupar com nada. Assim é que muitos têm levado a vida. O problema é quando a chocante realidade da morte bate à porta. Seja quem for, ninguém pode dizer que está imune a ela. E, dependendo de como cada um encara a vida, será também o modo como enfrenta a morte. Talvez por isso tantos prefiram a fuga em vez da reflexão séria.

O Apóstolo, em sua carta aos Romanos, diz que “... a esperança não decepciona” (Rm 5,5). Em se tratando de pessoas de fé, isso é realmente confortador. Mas, como convencer uma pessoa que deposita toda sua esperança em si mesma, em suas próprias forças? Fato é que o Dia de Finados reacende em nós uma série de reações. Isso é bom.

O cristão não deve “maquiar” a realidade. A morte está aí. Ela é invasiva, violenta. Dói passar pela perda de

pessoas queridas ou ver alguém chorar pela pessoa amada que morreu. A atitude cristã é a de quem encontra na morte e ressurreição de Jesus o sentido para tudo. Contemplando a Cristo, vencedor da morte, pode-se levantar depois do luto. Reaprender a viver sem aqueles que se foram. Antes de Cristo, a morte era uma caverna escura e fechada, mas Ele rompeu as paredes e agora ela é apenas uma passagem. Lá no fundo podemos ver a saída. Isso é esperança cristã.

Se soubermos passar pelas pequenas “mortes” desta vida em unidade com o Senhor, a morte propriamente dita será um adormecer em Cristo, um estágio necessário para o encontro definitivo com Aquele que nossa alma tanto buscou. Enfim, viver sadiamente o Dia de Finados é, não apenas rezar pelos que já partiram, mas também refletir sobre como se tem vivido cada dia nesta terra. Lembre sempre do adágio: “A árvore cai para o lado que se inclina”.

Pe. Elenivaldo dos Santos

EM BRASÍLIA



ENCONTRO

SEMANAL

Publicação semanal da Arquidiocese de Goiânia cujo objetivo é informar e formar sobre as atividades e ações da Igreja no Brasil e no mundo. Sugira, dê suas opiniões ou sugestões de pauta pelo e-mail jornal@arquidiocesedegoiania.org.br

Responsável: Dom Waldemar Passini, bispo auxiliar da Arquidiocese de Goiânia e vigário episcopal para a Comunicação
Coordenador do Vicom: Pe. Warlen Maxwell Silva Reis
Coordenador do Jornal: Pe. Elenivaldo Manoel Santos
Jornalista Responsável: Fábio Costa (MTB 8.674/DF)
Redação: Fábio Costa, Sarah Marques
Revisão: Jane Greco e Thais de Oliveira

Diagramação e planejamento gráfico: Ana Paula Mota
Tiragem: 50 mil exemplares
Impressão: Gráfica Scala

Contatos: jornal@arquidiocesedegoiania.org.br / encontrosemanal@gmail.com
Fone: (62) 3229-2683/2673

ARQUIDIÓCESE EM MOVIMENTO

Retiro anual dos diáconos permanentes



Fortalecer a comunhão e refletir sobre o trabalho e a espiritualidade dos diáconos permanentes. Foi com esse objetivo que aconteceu, nos dias 23 a 25 de outubro, o retiro anual dos diáconos permanentes da Arquidiocese de Goiânia, no câmpus 2 da Universidade Federal de Goiás (UFG), na capital. Orientado pelo padre Vitor Simão dos Santos Freitas, o encontro, que

teve a presença dos 26 diáconos, contou com momentos de silêncio, contemplação e reflexões sobre textos bíblicos e de pensadores da Igreja. Para o secretário da Comissão de Diáconos Permanentes da Arquidiocese, Ramon Curado, "foi o momento para revitalizar a espiritualidade dos diáconos permanentes", disse. No próximo ano, o retiro acontecerá nos dias 5 a 7 de setembro.

Cenáculo Vocacional e 2º Encontro Arquidiocesano de Coroinhas e Acólitos

Cenáculo Vocacional

Realizado no dia 18 de outubro, o Cenáculo Vocacional aconteceu no Colégio Ateneu Dom Bosco, como parte da programação da Semana Missionária da Arquidiocese de Goiânia. O evento foi dividido em três momentos e iniciou com as oficinas sobre vocação religiosa, matrimonial e sacerdotal. No segundo momento, houve condução da Hora Santa Vocacional na Paróquia São João Bosco e, finalizando as atividades, a Cia de Artes Shalom de Brasília presenteou o público com a peça "Canto das Irias".

Encontro de Coroinhas e Acólitos

No dia seguinte, 19, foi realizado no Centro Pastoral Dom Fernando, o 2º Encontro Arquidiocesano de Coroinhas e Acólitos com o tema "Anunciadores do Evangelho a exemplo de Maria". O evento reuniu quase 1.000 crianças e adolescentes. O coordenador arquidiocesano de Pastoral, padre Rodrigo de Castro Ferreira, explicou a importância de Maria na caminhada dos jovens e da Igreja. O coordenador da Pastoral Vocacional, padre Luiz Henrique Brandão de Figueiredo, animou o encontro e presidiu a Santa Missa.



Também participou do encontro o bispo auxiliar de Goiânia, Dom Waldemar Passini Dalbello, que se reuniu com os coordena-

dores paroquiais dos grupos de acólitos e coroinhas e falou sobre a alegria de ver a vitalidade desses grupos na Arquidiocese.

FALECIMENTOS



Irmã Maria José Fleury
Congregação das Irmãs Dominicanas de N. Sra. do Rosário de Monteils

* 28 / 5 / 1921 + 21 / 10 / 2014

A religiosa nasceu na Cidade de Goiás e tinha 68 anos de profissão religiosa, sendo que mais de 40 foram dedicados à Arquidiocese de Goiânia. Além da capital, ela viveu também em Araxá (MG) e no Rio de Janeiro (RJ). Formada em administração de empresas e economia, Irmã Maria José exerceu a função de tesoureira do Externato São José até o ano passado, quando deixou o trabalho devido à idade avançada e ao estado de saúde que vinha se agravando. Faleceu de complicações nos pulmões e infecção renal. O velório e a missa de corpo presente aconteceram no Salão do Externato São José e o sepultamento foi no Cemitério Jardim das Palmeiras, na capital.



Antônio Moreno Gutierrez
Congregação dos Missionários do Imaculado Coração de Maria (Claretianos)

* 19 / 8 / 1920 + 26 / 10 / 2014

Natural da Colômbia, Antônio Moreno, 94 anos, era diácono permanente. Dos 74 anos de vida religiosa ele dedicou 41 à Arquidiocese de Goiânia, onde morou durante 30 anos. Na capital, trabalhava na Paróquia Imaculado Coração de Maria, no setor Central, realizando batizados e bênção de objetos. Naturalista conhecido pelos paroquianos, sempre ajudava as pessoas com indicações de plantas medicinais. Ficou internado nos últimos sete dias de vida no Hospital dos Acidentados e veio a falecer de pneumonia. O velório e a missa de corpo presente se deram na paróquia onde trabalhava e o sepultamento no cemitério Sant'Ana.



Reunião Mensal de Pastoral

Centro Pastoral Dom Fernando

08 de novembro
das 8h30 às 12h30

PARÓQUIA: COMUNIDADE DE COMUNIDADES

Atingir a juventude e as famílias, eis a missão da Paróquia Nossa Senhora do Rosário

A paróquia precisa ter abertura para incentivar a presença e a atuação dos jovens cristãos. É importante considerar que a juventude mora no coração da Igreja (CNBB/Doc. 100)



AParóquia Nossa Senhora do Rosário de Aparecida de Goiânia, originou-se da Comunidade Menino Jesus de Praga que, de 1981 a 1984, pertencia à Paróquia Santa Cruz, localizada no Conjunto Cruzeiro do Sul. A partir do segundo semestre de 1994, a comunidade passou a pertencer à Paróquia Cristo Ressuscitado.

Após a chegada das Irmãs Maria Augusta Cortizo Vidal e Emília Martí Aliaga, em 1988, a comunidade começou a ser acompanhada pelas religiosas e a amadurecer como futura grande paróquia. As reuniões ocorriam nas casas dos fiéis, mas logo os membros começaram a sentir a necessidade de estruturar um lugar próprio para catequese, celebrações e encontros.

Em 1989, iniciaram-se as tentativas para oficializar a doação do terre-

no feita por Dr. Luiz Kubitschek, primo do presidente Juscelino Kubitschek, que era dono de uma fazenda onde se originou o bairro Hilda em Aparecida de Goiânia. A escritura só foi reconhecida pela Câmara Municipal em 3 de junho de 2003 e lavrada em 20 de abril de 2004.

Anteriormente à estruturação da paróquia, em 1990, por meio de mutirões, doações e esforço da comunidade, foi iniciada a construção do Centro Comunitário. A obra, findada em 1991, serviu por muito tempo como único lugar para todos os eventos da ainda comunidade Menino Jesus de Praga.

Em 15 de maio de 2011, a Paróquia Nossa Senhora do Rosário foi erigida, abrangendo em seu território nove bairros de Aparecida de Goiânia e sendo integrada por cinco comunidades. O primeiro pároco foi o monsenhor Ademário

Benevides de Souza. Logo após, padre Rafael Oliveira da Silva foi administrador paroquial e, por último, o frei Airton Souza Guedes exerce a função há quase 2 anos.

De acordo com frei Airton, o maior desafio vivido pela paróquia é o atendimento às famílias. "Hoje é muito difícil criar uma Pastoral Familiar que corresponda à missão da Igreja de evangelizar, de anunciar a Palavra de Deus, conhecer as dores e alegrias de cada família até pela grande demanda e necessidade das mesmas. Mas é estritamente necessária a atenção a esse setor, pois a família é a primeira Igreja em que são ensinados os valores da fé cristã e pessoais."

Além das famílias, a juventude também é um desafio para a paróquia. "É notória a vontade dos jovens em participar nas nossas comunidades, de conhecer mais Jesus; mas, infelizmente, não atingimos nem 5% da juventude que está por aí vivendo as coisas do mundo."

O principal projeto estabelecido na paróquia durante todo o ano de 2014 foi a formação das lideranças. Em退iros de preparação, acólitos, ministros extraordinários da comunhão eucarística e leigos que estão à frente de iniciativas, puderam trocar experiências e receber de outros líderes encorajamento e informação para continuar movimentando suas pastorais.



Frei Airton Souza Guedes

i Informações

Missas na Matriz

3ª a 5ª-feira, às 6h30
6ª-feira às 6h30 e às 19h30
Domingo, às 19h30

Administrador paroquial:

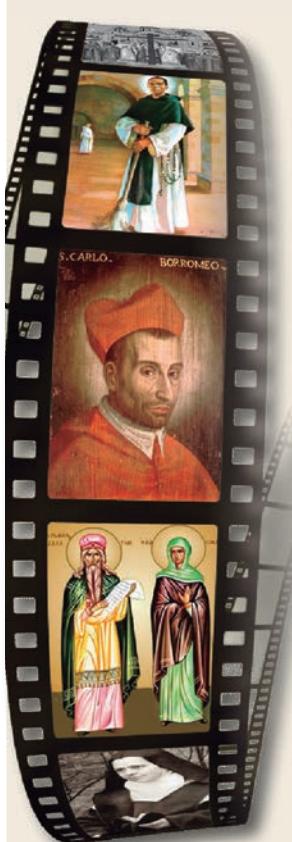
Frei Airton Souza Guedes

Tel.: 3094-4211

E-mail:

pnsrosariohilda@hotmail.com

NESTA SEMANA CELEBRAM-SE



Dia 3: São Martinho de Lima

Canonizado por João XXIII em 6 de maio de 1962, nascido em Lima (Peru), a 9 de dezembro de 1579, passou, em sua infância, pela falta de recursos que viessem a custear os seus estudos ou a sua própria alimentação.

Depois de ter estudado farmácia-ambulatório, aos quinze anos bateu às portas do convento dos Dominicanos. Recebido na ordem, a sua carreira eclesiástica cresceu rapidamente. São Martinho exercia dentro da ordem as tarefas mais trabalhosas e repugnantes, e foi a partir daí que seu reconhecimento se deu. As autoridades do convento notaram o que realmente significava aquela alma para eles e ofereceram-lhe uma posição de destaque. A sua fama ultrapassou os muros e ganhou a devoção do povo. Morreu em 3 de dezembro de 1639.

Dia 4: São Carlos Borromeu

Era filho do Conde Gilberto Borromeo e de Margarete de Medici, irmã do Papa Pio IV (1559-1656), do qual era sobrinho.

Carlos recebeu ótima formação humana e cristã, de forma que estudou na Universidade de Pávia, e destacou-se pela facilidade de administrar e tratar as pessoas. Chamado a Roma pelo tio papa, São Carlos, mesmo antes de receber o Sacramento da Ordem, aceitou a nomeação e responsabilidades de cardeal e arcebispo de Milão, num tempo em que a Igreja abria-se para sua renovação interna.

Dia 5: Santos Zacarias e Isabel

Os santos Zacarias e Isabel representam todos os pobres e oprimidos que têm em Deus a única esperança. Eles receberam a graça de Deus por terem sido abençoados com o dom da fertilidade. São os pais de João Batista, o precursor de Jesus.

Zacarias é um nome bastante popular na Bíblia e significa "Deus lembrou". Na sua passagem, temos o milagre do poder divino que age na sua vida. Santa Isabel era parente de Maria. Concebeu na sua velhice e, maravilhada pela obra de Deus no seu coração, não se cansava

de dizer: "Deus foi bom para mim. Agora já não tenho de que me envergonhar diante de ninguém" (Lc 1,25).

Dia 8: Beata Isabel da Trindade

Nasceu em Bourges, França, no dia 18 de julho de 1880. Índole ardente, sensível, apaixonada, sofreu fortemente as influências de Santa Teresinha do Menino Jesus. Aos 21 anos, em 1901, entrou para o Carmelo de Dijon. Morreu aos 26 anos, após 5 anos de vida religiosa. Muito devota da Santíssima Trindade, afirmava que o Amor habita em nós, por isso o seu único exercício era mergulhar em seu íntimo e perder-se naqueles que lá se encontravam: Pai, Filho e Espírito Santo. "A felicidade da minha vida é a intimidade com os hóspedes da minha alma". Dizia que o amor que sentia era como um oceano no qual mergulhava e se perdia. Deus estava nela e ela em Deus, por isso tinha de amá-lo e deixar-se amar todo o tempo em todas as coisas: "Acordar no Amor; mover-se no Amor; adormecer no Amor; a alma na sua Alma; coração no seu Coração; olhos nos seus olhos..."

CAPA

Dia de Finados: a comemoração da vitória da vida sobre a morte

"Se me amásseis, ficaríeis alegres por eu ir para o Pai" (Jo 14,28b)



Foto: Jornal Hoje

Neste fim de semana, a Igreja comemora o Dia dos Fieis Defuntos, mais conhecido como Dia de Finados. A data, antiquíssima, remonta ao século VII, quando cristãos começaram a visitar túmulos de mártires e a rezar pelos mortos em Sevilha, na Espanha, e na Alemanha, no século IX. Já a comemoração oficial dos falecidos é devida ao abade de Cluny, Santo Odilon, em 998. Em Roma, a data só viria a ser celebrada por volta de 1311, quando foi sancionada oficialmente a memória dos falecidos.

São João Crisóstomo (349-407), bispo e doutor da Igreja, já no século IV, recomendava orar pelos falecidos. "Levemos-lhe socorro e celebremos a sua memória... Por que duvidar que as nossas oferendas em favor dos mortos lhes leva alguma consolação? Não hesitemos em socorrer os que partiram e em oferecer as nossas orações por eles". A tradição da Igreja também tem registrado o ensinamento sobre a oração pelos mortos com Tertuliano (220) e São Cipriano (258), bispos de Cartago, um dos principais centros do cristianismo no século III.

No século XIII, o Dia de Finados passou a ser comemorado em 2 de novembro, logo depois da Festa de Todos os Santos. A Igreja encontra respaldo para rezar pelos falecidos no livro de II Macabeus 12, 43-46. "Eis por que ele mandou oferecer esse sacrifício expiatório pelos que haviam morrido, a fim de que fossem absolvidos do seu pecado", diz um trecho da citação.

“Creio na Ressurreição da carne”

O Catecismo da Igreja Católica, por sua vez, ensina que os cristãos

devem acreditar que assim como Cristo, depois da morte, aqueles que morreram na amizade do Pai também viverão para sempre com Jesus ressuscitado. Assim, toda a base da fé cristã está nesse ensinamento. "Ele, que ressuscitou Cristo Jesus de entre os mortos, também dará vida aos vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que habita em vós" (Rm 8,11). "É por crer nessa verdade que somos cristãos", reitera o Catecismo.

O mesmo livro também explica que a morte é o fim da peregrinação terrena, condição necessária para ressuscitar. O livro de II Timóteo 2,11, faz a seguinte promessa: "É digna de fé esta palavra: se tiverdes morrido com Cristo, também com Ele viveremos". Essa é a visão cristã da morte contemplada na liturgia da Igreja no momento da lembrança dos mortos, na santa missa e no Ofício Divino.

No entendimento do reitor do Seminário Maior São João Maria Vianney, padre Júlio César Gomes Moreira, a dor é inevitável quando uma pessoa perde um ente querido, mas ele ressalta que existem formas na fé de superar a tristeza. "É normal sentir-la em toda sua crueza, permitindo-se derramar as lágrimas da triste saudade, mas não parar nela, isto é, não se deixar paralisar, permitindo-se continuar assumindo responsavelmente a própria vida, como dom que nos foi dado, lembrando também o que a fé nos revela: 'com a morte a vida não nos é tirada, mas transformada'", explica.

Marina Ferreira, de 50 anos, todos os anos visita o cemitério Parque, no setor Urias Magalhães na capital. Além de uma tradição religiosa, o Dia de Finados é para ela uma data importante de assis-

tência espiritual aos falecidos e às famílias. "As pessoas sofrem com a perda de seus entes queridos e nesse dia podemos confortá-las, amenizar o seu sofrimento, com o Evangelho de Jesus".

Orientação cristã

Segundo o bispo auxiliar de Goiânia, Dom Waldemar Passini Dalbello, o Dia de Finados deve ser orientado pela fé, pela caridade e pela esperança cujo sentido é o próprio Cristo. "Esperamos que o perdão dos pecados por Ele merecido seja aplicado aos que o acolheram pela graça da fé e já foram chamados à presença de Deus. Outra característica da espiritualidade desse dia é a caridade. A oração fervorosa pelas almas do purgatório é um ato de grande amor, de grande caridade".

Outro ponto que deve ser observado, segundo o bispo auxiliar, é a preparação que todo cristão deve nutrir para a realidade da morte. Ele explica que a preparação passa

pelo "desapego progressivo de tudo aquilo que é diferente do amor" e que isso é conseguido através de renúncias diárias que libertam do egoísmo, da vaidade e do orgulho. "O amor ao próximo é princípio de céu na história", ressalta.

Dom Waldemar também deixa uma mensagem de conforto às pessoas que veem a morte de forma incômoda. "Os parentes e amigos que já partiram desta vida e estão em Deus são felizes, de modo superior a qualquer felicidade terrena. Pode-se, portanto, com algum esforço, alegrar-se pela alegria que eles experimentam".

Missão Esperança

Ao longo do Dia de Finados, missionários da Pastoral da Esperança estarão a postos nos cemitérios da capital e da região metropolitana organizando assistência religiosa. O trabalho é desenvolvido anualmente pela Arquidiocese de Goiânia. "Com essa ação, a Igreja se faz presente nos cemitérios organizando celebrações, acolhimento e momentos de oração", explica o coordenador da Pastoral, padre Elenivaldo Manoel dos Santos.



FINADOS

5

CATEQUESE DO PAPA

Muitos membros, um só corpo. Muitos dons, um só espírito

"A Igreja é um corpo completo, e cheio de vida", reflete o papa Francisco em catequese proferida no dia 22 de outubro, na Praça São Pedro, no Vaticano. Ele lembra também que é pelo Batismo que renascemos em Cristo e nos tornamos parte desse corpo, "pondonos uns ao lado dos outros, uns ao serviço e em ajuda dos outros...". Leia na íntegra.

Quando se deseja salientar como os elementos que compõem uma realidade estão intimamente unidos uns aos outros, formando uma só realidade, usa-se com frequência a imagem do corpo. A partir do apóstolo Paulo, essa expressão foi aplicada à Igreja e reconhecida como a sua característica distintiva mais profunda e mais bonita. Então, hoje queremos interrogar-nos: em que sentido a Igreja forma um corpo? E por que é definida "corpo de Cristo"?

No Livro de Ezequiel, é descrita uma visão um pouco especial, impressionante, mas capaz de infundir confiança e esperança nos nossos corações. Deus mostra ao profeta uma planície de ossos, separados uns dos outros, secos. Um cenário desolador... Imaginai uma planície cheia de ossos. Então, Deus pede-lhe que invoque o Espírito sobre eles. Naquele instante, os ossos movem-se, começam a aproximar-se e a unir-se entre si, neles crescem primeiro os nervos e depois a carne, formando-se assim um corpo, completo e cheio de vida (cf. Ez 37,1-14). Eis, assim é a Igreja! Recomendo-vos que hoje, em casa, pegueis na Bíblia, no capítulo 37 do profeta Ezequiel; não vos esqueçais e lede-o, é muito bonito! Essa é a Igreja, uma obra-prima, a obra-prima do Espírito, que infunde em cada um a vida nova do Ressuscitado, pondonos uns ao lado dos outros, uns ao serviço

e em ajuda dos outros, fazendo assim de todos nós um único corpo, edificado na comunhão e no amor.

Mas a Igreja não é apenas um corpo edificado no Espírito: a Igreja é o corpo de Cristo! E não se trata simplesmente de um modo de dizer: mas somo-lo verdadeiramente! É o grande dom que recebemos no dia do nosso Batismo! Com efeito, no sacramento do Batismo Cristo faz-nos seus, recebendo-nos no âmago do mistério da cruz, o mistério supremo do seu amor por nós, para depois nos fazer ressurgir com Ele, como novas criaturas. Eis: assim nasce a Igreja, é assim que a Igreja se reconhece como corpo de Cristo! O Batismo constitui um renascimento autêntico, que nos regenera em Cristo, nos torna parte dele e nos une intimamente entre nós, como membros do mesmo corpo, cuja Cabeça é Ele (cf. Rm 12,5; 1 Cor 12,12-13).

Então, daqui brota uma profunda comunhão de amor. Nesse sentido, é iluminador que Paulo, exortando

“A guerra não começo no campo de batalha: a guerra, as guerras têm início no coração, com incompreensões, divisões, invejas e com essa luta contra o próximo!

os maridos a "amarem as suas esposas como o próprio corpo", afirme: "Como Cristo faz à sua Igreja, porque somos membros do seu corpo" (Ef 5,28-30). Como seria bom se recordássemos mais frequentemente o que somos, o que o Senhor Jesus fez de nós: somos o seu corpo, aquele corpo do qual nada nem ninguém pode privá-lo e que Ele cobre com toda a sua paixão e todo o seu amor, precisamente como um esposo faz com a sua esposa. Mas esse

pensamento deve fazer nascer em nós o desejo de corresponder ao Senhor Jesus e de compartilhar o seu amor entre nós, como membros vivos do seu próprio corpo. Na época

de Paulo, a comunidade de Corinto encontrava muitas dificuldades nesse sentido, vivendo, como também nós, tantas vezes, a experiência das divisões, das invejas, das incompreensões e da marginalização. Nada disso é bom porque, em vez de edificar e levar a Igreja a crescer como corpo de Cristo, fragmenta-a em muitas partes, desmembrando-a. E isso acontece inclusive nos dias de hoje. Pensem nas comunidades cristãs, nalgumas paróquias, pensemos nos nossos bairros, quantas divisões, quantos ciúmes, como se critica, quanta incompreensão e marginalização! E o que comporta isso? Desmembra-nos uns dos outros. É o início da guerra. A guerra não começa no campo de batalha: a guerra, as guerras têm início no coração, com incompreensões, divisões, invejas e com essa luta contra o próximo!

A comunidade de Corinto era assim, eles eram campeões nisso! O apóstolo Paulo deu aos Coríntios alguns conselhos concretos que são válidos também para nós: não ser invejosos, mas nas nossas comunidades apreciar os dons e as qualidades dos nossos irmãos. Os ciúmes: "Aquele comprou um carro" e sinto aqui uma inveja; "Este ganhou na lotaria", e outra inveja; "E aquele é bem sucedido nisto", e mais uma inveja. Tudo isso desmembra, faz mal, e não se deve fazê-lo, pois assim os ciúmes aumentam e enchem o coração! E um coração ciumento é um coração amargo, um coração que em vez de sangue parece conter vinagre; é um coração que nunca está feliz, é um coração que desmembra a comunidade. Mas então o que devo fazer? Apreciar nas nossas comunidades os dons e as qualidades dos outros, dos nossos



irmãos. E quando sinto inveja — porque todos sentem, todos somos pecadores — devo dizer ao Senhor: "Obrigado, Senhor, porque concedestes isto àquela pessoa"! Estimar as qualidades, tornar-se próximo e participar no sofrimento dos últimos e dos mais necessitados; manifestar a própria gratidão a todos. O coração que sabe dizer obrigado é um coração bom, um coração nobre, um coração feliz! Pergunto-vos: todos nós sabemos dizer obrigado, sempre? Nem sempre, porque a inveja, os ciúmes nos limitam um pouco. E, finalmente, eis o conselho que o apóstolo Paulo dá aos Coríntios e que também nós devemos dar-nos uns aos outros: não consideres ninguém superior aos outros. Quanta gente se sente superior aos outros! Também nós, muitas vezes, dizemos como aquele fariseu da parábola: "Obrigado, Senhor, porque não sou como aquele, sou superior!". Mas isso é feio, nunca se deve agir assim! E quando estiveres prestes a fazê-lo, recorda-te dos teus pecados, daqueles que ninguém conhece, envergonha-te diante de Deus e diz: "Mas Tu, Senhor, Tu sabes quem é superior, eu fecho a boca!". E isso faz bem. E, sempre na caridade, consideremo-nos membros uns dos outros, que vivem e se entregam para o bem de todos (cf. 1Cor 12-14).

Caros irmãos e irmãs, como o profeta Ezequiel e como o apóstolo Paulo, invoquemos também nós o Espírito Santo, para que a sua graça e a abundância dos seus dons nos ajudem a viver verdadeiramente como corpo de Cristo, unidos como família, mas uma família que é o corpo de Cristo, e como sinal visível e belo do amor de Cristo.

Publicidade
Integral e Regular
do Infantil ao 9º ano
Regular
Ensino Médio

Agostiniano
+ uma vez
sai na frente...



Nota máxima de REDAÇÃO
UFG - 2014
Carolina Vieira de Oliveira

Grande aprovação
na UFG/2014
- Medicina

Douglas Mansur Guerra

(62)3213 3018
www.agostiniano.com

Formação

IR. MARCERVÂNIA PROCÓPIO DE SOUSA
Instituto Coração de Jesus

Dia de Finados é uma data marcada pela dor da saudade daqueles que partiram, antes de nós, para a eternidade. Nesse dia, comumente expressamos a eles o nosso amor de diversas maneiras: uma visita ao cemitério; aquela flor reservada para a lápide e, ainda, uma vela acesa acompanhada de oração por pessoas que marcaram nossa vida com a sua existência. Tudo isso se traduz em amor, carinho e em um grande gesto de fé.

Novamente nosso olhar se dirige a Maria que também experimentou a dor e o sofrimento de

seu Filho Jesus. O evangelista João a coloca aos pés da cruz (*Jo 19,25*). Certamente Maria não estava junto à cruz, perto de Jesus, só no sentido físico e geográfico, mas também no sentido espiritual. Ela estava unida à cruz de Jesus. Sofria no seu coração o que o filho sofria na carne. Quem sabe o que significa ser mãe entender que Maria, no Calvário, foi trespassada por uma dor indizível.

Na grande “Hora” de Jesus, há entre ele e sua mãe algo grandioso em comum: o sofrimento. No momento extremo da cruz, quando o olhar do Pai parecia se esconder, Jesus encontra no olhar de sua Mãe o refúgio e consolação. Estando ela ereta junto da cruz, o

seu rosto encontrava-se, mais ou menos, à altura do rosto de Cristo. Quando lhe disse: “**Mulher, eis aí o teu filho!**”, Jesus provavelmente estava olhando na sua direção, tanto que nem precisou chamá-la pelo nome. Quem poderia penetrar o mistério daquele olhar entre Mãe e Filho numa hora semelhante? Em qualquer sofrimento humano, também no de Cristo e de Maria, há uma dimensão íntima e particular, que se vive em família entre aqueles que estão unidos pelo vínculo do mesmo sangue. (Cf. Raniero Cantalamessa, *Maria, um espelho para a Igreja*).

Aos pés da cruz, Maria também experimentou a sua “Hora”. No sofrimento, ela se tornava a MÃE



Maria junto à Cruz

“ Ela estava unida à cruz de Jesus. Sofria no seu coração o que o filho sofria na carne. ”

da humanidade. Essa “nova maternidade de Maria”, gerada pela fé, é fruto de sua participação no amor redentor do Filho. Entre os valores espirituais que Cristo confiou aos discípulos, encontra-se também sua Mãe, a virgem Maria. Ela faz parte da nossa identidade cristã; portanto, “se queremos ser cristãos, devemos ser marianos” (Paulo VI).

Maria representa o modelo ideal de todo cristão que, apesar das contrariedades e cruzes da vida, permanece fiel a Cristo. Maria é discípula fiel, pessoa de fé, mãe da comunidade e mulher solidária.

Mãe cheia de amor, Mãe plena de dor, Senhora da Piedade, rogai por nós. Amém.

Publicidade

Encontre a VOZ DO PAI

Os grandes anunciantes da Palavra de Deus estão em nossa programação.

Pe. Reginaldo Manzetti

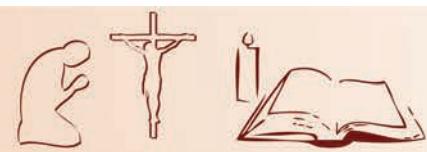
Pe. Fábio de Melo

Pe. Zézinho

Pe. Robson

VOX PATRIS

PROPOSTA DE LEITURA ORANTE DA BÍBLIA EM PREPARAÇÃO PARA O PRÓXIMO DOMINGO



DOM WALDEMAR PASSINI DALBELLO
Bispo Auxiliar de Goiânia

Nossas amizades surgem e se consolidam em numerosos e sucessivos encontros. Em lugares habituais, como a casa, os locais de trabalho, estudo ou lazer, somos encontrados e encontramos nossos atuais e futuros amigos. Jesus nos ensina a buscar a Deus no segredo do quarto: *fecha a porta e ora a teu Pai que está no escondido. E o teu Pai, que vê no escondido, te dará a recompensa.* (Mt 6,6)

Os templos são também lugares muito visitados por aqueles que desejam estar na presença de Deus, a sós. Daí a importância desses espaços sagrados abertos, tais como os corações dos batizados, onde se permanece na presença de Deus. Na igreja-templo, a comunidade se reúne e presta culto ao amado Pai, por Cristo, no Espírito Santo.

A liturgia do próximo domingo fala do templo, pois é a festa da dedicação da catedral do Papa, a basílica de São João do Latrão. Num gesto de união com a Igreja de Roma e o ministério do Sucessor de Pedro, celebra-se essa festa no mundo inteiro.

A leitura orante do Evangelho propõe uma pausa diante de um texto forte, intrigante. É preciso conhecer o amigo Jesus de perto, talvez menos romântico do que se idealiza. Viva bem esse encontro, iniciando-o em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Peça a luz do Espírito Santo e abra sua Bíblia no texto indicado a seguir. Seria bom ter o Crucifixo diante dos olhos!



Siga os passos para a leitura orante:

Texto para a oração: *Jo 2,13-22* (página 1313 – Bíblia das Edições CNBB).

Passos para a leitura orante:

1. Antes de ler o texto pela primeira vez, recorde-se da apresentação de Jesus por João Batista em *Jo 1,29: Eis o Cordeiro de Deus, aquele que tira o pecado do mundo.* Fixe essa identificação de Jesus como Cordeiro. Agora leia o texto indicado: *Jo 2,13-22*, e procure imaginar a cena inicial: versículos 13 a 17;
2. O gesto inesperado de Jesus faz pensar na necessidade de uma nova relação com Deus. O Templo e o culto não podem se confundir com um comércio com Deus, acobertando com sacrifícios de animais os roubos, assassinatos, injustiças... Leia o texto uma segunda vez. Destaque as três falas de Jesus;
3. Releia os versículos 21 e 22. Confira o fruto da imolação de Jesus, o *Cordeiro de Deus*: a fé na Escritura e na palavra de Jesus! A fé dá a certeza do perdão dos pecados, abre a vida à confiança filial e ao amor capaz do sacrifício pelos irmãos e irmãs. Fale com Jesus sobre sua fé.

Concluindo o momento de oração, coloque-se em silêncio e em atitude de adoração àquele que se entregou por você na Cruz. Depois, o Pai-Nosso, a Ave-Maria e o sinal da cruz sobre si.

(Ano A, 32º Domingo do Tempo Comum – Festa da Dedicação da Basílica do Latrão. Liturgia da Palavra: *Ez 47,1-2.8-9.12; Sl 45 (46); 1Cor 3,9c-11.16-17; Jo 2,13-22*)

Escola de Formação da Juventude diploma nova turma de Produção Audiovisual

PUC GO

No dia 27 de outubro, os alunos da Escola de Formação da Juventude (EFJ), do Instituto Dom Fernando (IDF), ligado à Pró-Reitoria de Extensão e Apoio Estudantil (Proex) da PUC Goiás, receberam seus diplomas do Curso Básico de Produção Audiovisual. O evento ocorreu durante a tarde e contou com a presença dos pais e professores dos formandos.

As aulas tiveram duração de três meses nos quais os alunos, divididos em quatro grupos, produziram um curta-metragem por equipe. Tudo feito exclusivamente pelos estudantes, desde o enredo, até a atuação e gravação dos filmes.

O curso é uma parceria entre a EFJ e o grupo Movimento e Ação: Participação e Cidadania,



Para a conclusão do curso, os alunos produziram curtas-metragens

que promove aulas gratuitas de fotografia, produção audiovisual e cinema. Segundo o professor Douglas Monteiro, o objetivo do projeto é “desenvolver uma consciência social e cultural por meio da produção de filmes”.

Ao final da diplomação, o coordenador da Escola, José Fernando Duarte, lembrou as dificuldades que os alunos enfrentaram durante

essa jornada e os parabenizou por terem persistido até o final. “Valeu a pena o esforço e a dedicação de todos, pois agora vocês possuem um diploma que pode fazer a diferença no mercado de trabalho”, frisou José Fernando.

Há 17 anos, a Escola de Formação da Juventude (EFJ) oferece qualificação profissional e informação reflexiva para os jovens da

Região Leste de Goiânia. “Nós temos aqui professores engajados em educar esses jovens para que eles tenham autonomia para escrever suas próprias histórias”, destacou o coordenador. Por semestre, a escola recebe mais de 100 jovens em cursos como Inglês, Informática, Auxiliar Administrativo e no Curso Básico de Produção Audiovisual.



Devolva o dízimo e participe da missão evangelizadora em sua comunidade

“Dê cada um conforme o impulso do seu coração, sem tristeza nem constrangimento. Deus ama o que dá com alegria.” 2Cor 9,7